

M A N D A L A

Argumento de

D I A S G O M E S

(versão livre e moderna do mito de Édipo)

PRIMEIRA PARTE

A 25 de agosto de 1961 Jânio Quadros, surpreendentemente, renunciou à Presidência da República. O País estava perplexo. Na ausência do Vice-Presidente, João Goulart, em viagem diplomática à China, assumiu a Presidência o Deputado Raniere Mazzilli, Presidente da Câmara. Os três Ministros militares se insurgiram contra a posse de Jango e Leonel Brizola, Governador do Rio Grande do Sul, declarou que a garantiria "nem que fosse à bala".

Jocasta deixou a sala de aulas, na PUC, com a cabeça fervilhando. Nenhum dos professores da área de Sociologia havia comparecido. A boataria corria solta. Que iria acontecer? Guerra civil? Pensou em procurar uma ligação com o Partido para se orientar. Tinha ficado de passar no CPC, na UNE, lá poderia ter uma orientação, Vianinha certamente saberia alguma coisa, alguma palavra de ordem. Lembrou-se do pai e acabou decidindo ir para casa. Como a esquerda estava desorganizada, pensou, num momento desses cada um devia saber o que fazer.

Encontrou o pai arrumando a maleta. Calma e pacientemente, Túlio Silveira, com a experiência que tinha dessas situações, colocava a pasta de dentes, o sabonete, a toalha, o frasco de Korega (para colar a dentadura, muito importante não esquecer), um short, uma cueca e alguns remédios indispensáveis para desinteria, dor de cabeça, etc.. Pensou em colocar também um exemplar de "O 18 Brumário", de Karl Marx, mas achou que era provocação. Iriam tomá-lo, na certa. Preferiu as "Cartas", de Gramsci.

- Que tá fazendo aí, pai?

- Ora, filha, me preparando para o que possa vir por aí...

~~Túlio~~ sabia que a Polícia Política tinha uma lista de pessoas que eram presas, automaticamente, em qualquer situação

de crise político-militar. Seu nome era um dos primeiros da lista. Por isso ele mantinha a maleta sempre arrumada. A situação já se repetira pelo menos uma dúzia de vezes.

- Mas nós não temos nada com isso, insistiu Jocasta. Jânio renunciou, o Exército não quer deixar Jango assumir. Jânio foi eleito pela UDN e é um facista, Jango é um pelego. Que é que nós temos com isso?

Toda a argumentação de Jocasta era justa, racional. Só que, nessas ocasiões, a justiça e o racionalismo nunca prevaleceram. Céres veio com uma camisa que acabara de passar.

- Pra que outra camisa, mulher? Na cadeia, a gente anda de short ou de cueca, sabe não? A primeira coisa que faço quando chego lá é tirar as calças e a camisa, dobrar com cuidado, pra só vestir quando for libertado.

Mesmo assim, Céres insistiu para que ele levasse a camisa.

- Se você leva pouca roupa, pensam que você é um vagabundo. É uma camisa de seda.

Túlio sorriu e até mesmo Jocasta achou graça na ingenuidade da mãe. Sabia que ela ia sair dali, trancar-se no banheiro e rezar escondida.

- Quem sabe, pode ser que desta vez esqueçam de você.

Túlio quase se ofendeu com a observação de Céres.

- Não acredito.

- Além do que, seria uma desconsideração, não é, pai? Jocasta sabia o orgulho que Túlio tinha de suas prisões. Vovô Pepê tinha entrado na sala, arrastando os chinelos que teimavam em lhe fugir dos pés.

- Se o maluco do Jânio renunciou, se os milicos não querem que Jango assuma, por que não se aproveita a ocasião e acaba com essa história de governo?

- Acabar com que, vovô? Jocasta não entendeu.

- Pra que Governo? Você precisa do governo pra alguma coisa? Eu não preciso dele pra nada. Cada um pode se governar por si. A sociedade pode se governar por si, sem Presidentes, sem Governadores, sem Generais, sem exércitos... Vovô Pepê, Petromilho Silveira, anarquista desde o engatinhar do século, continuou sua pregação, mas ninguém mais lhe deu atenção.

- Pai, o que é que a gente faz?

- Eu, vou esperar, respondeu Túlio, sem entender a pergunta. Sentou-se justo à maleta, depois de tirar uma casca de banana que os meninos haviam escondido sob a almofada, e ficou olhando para a porta, como se aguardasse, a qualquer momento, a entrada dos tiras, ou dos oficiais (ser preso pelo Exército seria mais digno).

- Estou falando de ação. O senhor não entrou em contato com o Partido? Ninguém o procurou, ninguém da Direção?

O telefone tocou e Jocasta foi atender, abrindo caminho entre os irmãos, sentados no chão diante da televisão (eram três, de sete, nove e onze anos, o mais velho, Creonte, de vinte dois, passava o dia na praia, jogando frescobol).

- Alô, brôto? Jocasta reconheceu a voz de Laio. Queria falar com ela com urgência. Marcaram encontro para a noite.

- Sabe de alguma coisa da situação? Ela ainda perguntou, mas logo se arrependeu. A resposta dele foi vaga.

- É, parece que a cobra tá fumando.

Ingenuidade dela. Laio estava sempre por fora de tudo. Por duas vezes Jocasta conseguira arrastá-lo a reuniões políticas e ele bocejara o tempo todo. Haviam-se conhecido na própria Universidade Católica, num dia de chuva. Ela fazia agitação no campus, tentando dar força a um movimento contra o aumento das anuidades. A chuva dispersou os manifestantes, que colocavam pequenos cartazes de protesto. Jocasta era a última a executar a tarefa, quando Laio parou seu conversível e lhe ofereceu uma carona. A atração foi imediata e tudo aconteceu antes mesmo de ela saber quem ele era. Quando descobriu que estava apaixonada,

parou para refletir. A cabeça de Laio nada tinha a ver com a sua. Aos 25 anos, Laio não sabia ainda o que fazer da vida. Teoricamente, estudava Psicologia. Na prática, renovava a matrícula todos os anos quase sem pisar na Universidade. Filho de um rico comerciante de joias, Michel Lunardo, vivia às custas de uma polpuda mesada que recebia do pai e que esbanjava em festas de embalo que dava em seu apartamento, no Leblon. O que mais chocava Jocasta, entretanto, não era isso. Era sua tendência ao misticismo, sua extrema propensão a acreditar em tudo que cheirasse a paranormalidade. Ele tudo justificava, alegando que a Parapsicologia era a Psicologia do futuro. E que experiências para "abrir as portas da percepção" já haviam sido feitas por um intelectual do porte de Aldous Huxley (o livro de Huxley era a bíblia do grupo), com LSD. O fato é que não dava um passo sem consultar seu gurú, seu babalaô. A primeira impressão de Jocasta foi que tudo não passava de excentricidades de um jovem milionário alienado. Mas logo viu que não era assim. Laio era um rapaz inseguro, que necessitava de todas essas "muletas" para viver e se explicar perante si mesmo. Essa insegurança talvez adviesse da separação dos pais quando ele tinha apenas dez anos e a mãe fora internada pela primeira vez numa clínica para doentes mentais. A partir de então, fora criado pelo pai, isolado da mãe, sem o carinho de ambos, vagando de internato em internato. Aos 16 anos, voltou ao convívio paterno. Mas os atritos com a madrasta e com o próprio pai, as recordações da infância, a inaceitação de tudo, tornaram impossível sua integração na família. Desde os 18 anos vivia só, num apartamento comprado pelo pai, sustentado por ele, que estava já em seu terceiro casamento.

Jocasta se assustou quando descobriu que estava apaixonado por um homem que era quase a antítese do ser que teria idealizado para companheiro. Somente a atração física justificava aquela paixão e ela, com sua formação filosófica, não podia aceitar que isso prevalecesse sobre tudo o mais. Viu que só tinha dois caminhos: ou romper com Laio, ou procurar mudá-lo. Optou pela segunda hipótese, sem muita convicção, apenas

por ser a menos traumática de imediato.

Naquele dia, teve mais uma decepção. Encontrou-o com mais dois casais. Pareciam todos embriagados. A música altíssima impedia que Jocasta fosse ouvida. Parada na porta, ela berava, atônita, e ele não escutava. Acabou por arrancar os fios da tomada, silenciando subitamente a vitrola.

- Laio, como pode estar bebendo e dançando quando o País está à beira da guerra civil?!

Os dois casais olhavam para ela sem entender, como se estivessem diante de uma louca. Laio pegou-a pela mão, levou-a para a varanda.

- Calma, calma... Que é que está havendo? Ah, essa história da renúncia... Jânio deu no pé. E você não acha isso bom? Esse cara era um chato. Proibiu biquini, briga de galo...

- Laio, não é isso. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica não permitem que Jango tome posse.

- E o que a gente vai fazer? Pegar em armas? Contra o Exército, a Marinha e a Aeronáutica. Será que temos alguma chance?

Jocasta sentiu-se ridícula. Quis ir embora e Laio não deixou. Expulsou os amigos e se dispôs a fazer o que ela quisesse. Passaram a noite andando de carro pela cidade, buscando contatos, informações. Acabaram voltando pra casa. Antes de subir para o apartamento, ela segurou a mão dele.

- E eu tinha uma coisa tão importante pra te dizer. Com toda essa confusão...

- Que é?

- Não sei como aconteceu... Eu estava seguindo a tabela... Bem me disseram que essas coisas não são infalíveis... Sabe que uma amiga minha conseguiu comprar nos Estados Unidos umas pílulas anticoncepcionais? É, dizem que não falham.

- Que é que você tá querendo me dizer?

- A menstruação está com três semanas de atraso.

Ele levou um choque, depois sorriu, sem muito entusiasmo.

- Um neném. Bacana... Bom, eu não estou preparado pra isso... Mas tudo bem... Não fique assustada. Se você quiser, eu sei um médico...

- Tirar? Ela reagiu, decepcionada.

- Não, quer dizer, se você quiser. Se não quiser... Bom, aí a gente vai ter que pensar no que vai fazer. Podemos até casar. Por que não?

Ainda que apaixonada, Jocasta não estava certa de que Laio era o homem com quem devia casar-se. E por isso a gravidez continuou um segredo somente conhecido pelos dois, nos tumultuados meses que se seguiram. Desta vez, a prisão de ~~Laio~~^{Túlio} Silveira foi apenas por uma semana, o que não impediu que ele voltasse da cadeia cheio de história para contar. Obedecendo a palavra de ordem do Partido, Jocasta participou ativamente dos movimentos estudantis pela posse de Jango que se desencadearam em todo o País. Os militares cederam à pressão popular, graças à Emenda Constitucional que instituiu o regime parlamentarista. Tancredo Neves foi nomeado Primeiro Ministro e o País voltou à normalidade. Aparentemente. Logo iria surgir um movimento em prol do plebiscito para obter do povo a aprovação ou rejeição ao novo regime. Jocasta estava já entrando no quarto mês de gravidez.

O babalaô sacudiu os búzios nas mãos gordas e atirou sobre a toalha estendida no pegi. Pela posição em que caíam as 16 conchas do mar, pelos odús que surgiam, podia responder às perguntas de Láio. Exú falou na primeira jogada, trazendo maus presságios. Sim, ele ia ter um filho, mas esse filho... O babalaô hesitou, tentou disfarçar seu constrangimento num sorriso de dentes muito brancos na pele negro-azulada.

- Vamo deixá pra outro dia, fio...

Ameaçou guardar os búzios, mas Laio impediu.

- Não, não, vamos em frente. Quero saber... Por favor...
Vim aqui pra isso, pra saber tudo.

Um pouco a contragosto, o babalaô voltou a jogar os búzios. Apareceu o mesmo odú. O babalaô interpretou a linguagem cifrada dos deuses do destino.

- É, filho vai dá muito desgosto, confirmou. Não deve tê.

O babalaô quis dar novamente por encerrada a consulta, mas Laio insistiu.

- Êi, espera... Por que? Que desgosto?

- Filho contra pai. Morte.

- Morte?! De quem?

Desta vez o babalaô não respondeu.

- Não diz. Morte. Desgraça.

Laio foi encontrar Jocasta à saída de um Teatro da zo na sul, onde João Gilberto, Tom Jobim e Carlos Lyra davam um show de bossa nova. Ela notou que ele estava tenso e que suas mãos tremiam, julgou que estivesse drogado. Irritou-se e pediu que a levasse para casa. Estava já quase entregando os pontos na luta para fazê-lo mudar de vida, dar-lhe um pouco de consciência política (um dia ele lhe disse: "sabe o que eu queria ser mesmo? Um grande gangster, à moda antiga"). Havia momentos em que ela se animava, tinha a impressão de que estava conseguindo trazê-lo para o seu lado. Mas logo vinha uma decepção, como agora.

- Nada de ir pra casa, vamos a um lugar qualquer onde a gente possa conversar. Preciso muito falar com você.

Foram ao Jirau e lá ele lhe contou o que dissera o babalaô. Ela riu. Não sabia nem o que dizer, sem ofendê-lo. Achava aquilo apenas uma demonstração de ignorância. Mas preo

capou-se quando ele lhe disse:

- Você vai ter que tirar essa criança.

Ela viu que ele estava falando sério. E que estava determinado.

- Laio, isso é absurdo e uma grande tolice. Porque um pai de santo qualquer falou... porque jogou umas pedrinhas... Ora, se fosse tão fácil prever o futuro, o destino das pessoas, não haveria pobreza, não haveria guerras, toda a humanidade seria feliz, porque todos os males seriam evitados. A menos que você acredite que ninguém pode mudar o seu destino, o destino que está escrito nos búzios. E então não há o que fazer.

- Eu não sei.

- Olha, eu me recuso a discutir seriamente com você essa bobagem.

Ela julgou que tivesse posto um ponto final ao assunto, mas nos dias que se seguiram Laio voltou a insistir. Queria que ela também fosse ao babalaô e jogasse os búzios. Mesmo que não acreditasse. A insistência foi tanta, que ela acabou cedendo. Perante sua consciência materialista justificou a concessão como um ato de simples curiosidade. E logo abriu o jogo com o babalaô. Ia ter um filho e queria saber se o parto ia ser bem sucedido. As sobrancelhas brancas e espessas do velho, como dois maços de algodão, cerraram-se e ele custou a responder. Sim, o parto ia ser bem sucedido. Jocasta fez mais perguntas.

- E depois?

- Muito amor... filho e mãe, muito amor... Mas não amor puro... odú não é bom...

Jocasta entendeu: seu filho haveria de amá-la não como mãe, como mulher. Contou isso a Laio, indignada, como prova de que tudo aquilo era uma farsa grosseira. Mas na cabeça de Laio o raciocínio era outro. A segunda parte da profecia justificava a primeira, o conflito entre pai e filho, a morte de um

deles. E tomou uma decisão definitiva: ela devia abortar. Ainda que não acreditasse, ainda que fosse tudo tolice, devia fazer isso por ele, que não tinha mais condições de assumir aquele filho com tantas dúvidas e temores a perturbá-lo. Prometia casar-se com ela em seguida, se o fizesse. Poderiam até ter outro filho, não aquele. Sem ter tomado ainda nenhum decisão, Jocasta chegou a ir a um "fazedor de anjos", que desaconselhou. Ela já entrava no quinto mês de gravidez, ia ser muito perigoso. A despeito disso, Laio insistia. Isso determinou o rompimento entre ambos. Jocasta não podia aceitar aquela insistência obsessiva, que lhe parecia odiosa e desumana. Por outro lado, não dava mais para esconder dos pais, da família.

De início, houve o choque. Depois, para sua decepção, a reação ultra-conservadora de Túlio.

- Vamos obrigar esse rapaz a casar com você.

- Mas eu não quero casar com ele.

- Por que?

- Porque ele não pensa como eu, não tem nada a ver comigo. É um alienado, filhinho de papai, não tem nada dentro da cabeça.

- Isso tudo você devia ter levado em conta antes. Agora, que o mal tá feito...

Céres se desesperou, começou a chorar.

- Como é que isso aconteceu, minha filha,

- Aconteceu, né, mãe? Faz parte da natureza.

- Não fale assim... Não vê que vai ser um problema?...

Uma situação horrível...

Vovô Pepê foi o único que lhe deu apoio.

- Uma boa notícia. Pensava que ia morrer sem ter um neto. Creonte, que havia-se tornado amigo de Laio, reagiu com indignação.

- Sujeira desse cara. Vou quebrar a cara dele.

- Você não vai quebrar a cara de ninguém, Creonte. A culpa não é dele, é minha. E eu não quero ser problema pra ninguém. Já decidi: vou ter essa criança longe daqui, Bem longe.

- Aonde?

- Não sei ainda. Não se preocupem, eu me arrumo.

A consciência de Túlio doeu.

- Mas ninguém está expulsando você de casa. Só que... você não quer também que a gente receba isso como uma coisa natural, sem a menor importância. Nós vivemos numa sociedade burguesa, com uma moral burguesa, lembre-se disso.

- Sociedade que a gente quer destruir, moral que a gente repudia.

- É, mas, enquanto a gente não consegue destruir... temos que viver mais ou menos dentro dela. Amanhã, quando souberem que a filha de Túlio Silveira é mãe solteira, vão dizer: "tá vendo? Filha de comunista..." Se fosse filha de outro, não tinha importância. Mas minha filha...

- Por tudo isso é que eu vou embora.

E foi. Túlio e Céres, já assimilando melhor a situação, arrependidos de sua posição inicial, insistiram para que ela ficasse. Eles lhe dariam todo apoio. Mas ela não quis. Sabia que Laio iria atormentá-la até o último momento. Proibiu até de lhe dizerem para onde ela ia. E buscou refúgio numa pequena cidade, do interior de Minas, Conquista, onde o pai possui um sítio, que várias vezes servira de aparelho a militantes do Partido, nas épocas mais duras de repressão.

Como Laio conseguiu localizá-la, quando estava já entrando no nono mês, Jocasta nunca conseguiu saber. Mas ele foi amável, envolvente, carinhoso. Jocasta estava muito só, muito vulnerável, praticamente isolada do mundo há três meses, em companhia de dois velhos caseiros. A chegada de Laio a abalou

profundamente e suas palavras, desta vez, a impressionaram ainda mais, carregadas que vinham de maus presságios. Como ia criar aquele filho? As dificuldades que estava tendo para trazê-lo à vida, iam-se multiplicar. Ia por no mundo uma criança infeliz. E haviam tantos casais sem filhos, que gostariam de adotá-la. E com muito mais condições de fazê-la feliz. Claro que a formação ideológica de Jocasta repudiava esse argumento e a solução aventada. Mas quando Laio se foi, suas palavras, marteladas sadicamente durante vários dias, ficaram na mente de Jocasta, como ruídos intermitentes, que a levavam ao desespero. Sentia-se cercada de ameaças à vida do filho, pressentindo que essas ameaças persistiriam enquanto ele estivesse em seu ventre e, depois, a seu lado.

Quando deu entrada na maternidade, ainda com espaçadas contrações, seu estado era de pânico. Lucrecia, a enfermeira-chefe, parecia já esperá-la (Só muito tempo depois Jocasta viria a descobrir que Laio lhe dera todas as informações a seu respeito e que ela estava ligada a uma quadrilha que negociava crianças para adoção, fazendo-as sair do País). Após o parto, um quadro de psicose puerperal, com alucinações em que via a criança transformada num monstro, foi constatado pelos médicos. Aproveitando-se dessa momentânea perda da consciência lógica, a enfermeira lhe fez a proposta: se quisesse ver-se livre da criança, um casal sem filhos, gente de posses, estava disposto a levá-la e registrá-la como filho legítimo. Em sua perturbação psicótica, Jocasta concordou. Iria arrepender-se todo o resto de sua vida..

De volta ao Rio, já em seu estado normal, Jocasta não teve coragem de revelar a verdade. Principalmente porque, recuperada da crise emocional, não se perdoava por aquele momento de fraqueza. Mentiu, disse que havia perdido a criança. Todos acharam melhor assim. E Laio, ao saber, respirou aliviado. E lembrando-se da profecia, concluiu que os búzios estavam certos, a morte profetizada era a morte do filho. Cumprira-se o destino.

Nas ruas, o povo comemorava a conquista do bi-campeão mundial de futebol.

A luz mortiça do abajur rosa pálido ajudava a relaxar. Édipo procurou acomodar o corpo entre as almofadas do divã e abandonar-se às recordações da infância, que lhe chegavam aos borbotões. Sempre fora um menino estranho, de sensibilidade acima do normal, superdotado e conseqüentemente retraído, de difícil convívio com crianças de sua idade. Por isso mesmo, suas primeiras lembranças estavam ligadas aos pais, Américo e Mercedes. As imagens vinham desordenadas, como num flash-back sem continuidade. As primeiras eram de uma bela mansão, cercada de jardins, com muitos bichos e um enorme viveiro de pássaros. Havia também um lago, que não sabia dizer se era dessa ou de outra casa. E a mãe, que vinha correndo, gritando e atirava-se no lago. Em seguida o pai surgia, apavorado, mergulhava também na água e saía com ela nos braços, esperneando. A casa agora era outra, um apartamento, num bairro tranquilo de Belo Horizonte. Era noite e Édipo, despertado pelos gritos da mãe no quarto ao lado, corria até lá pela porta entreaberta, via Méroe despida sobre a cama, Américo embriagado espancando-a com o cinturão. Sentiu ódio do pai, o mesmo ódio que devia ter sentido quando o fato se deu. Em seguida, vinham imagens confusas, policiais à paisana, um jornal arrancado de suas mãos, "não deixem ele ler! não deixem ele ler!", o pai gritando "adúltera, adúltera! Fora desta casa, vagabunda!" Uma vizinha arrastando-o de casa, para não presenciar o escândalo. Tinha apenas 8 anos, mas amadurecimento suficiente para entender o que se passava. No entanto, só muitos anos depois, já homem feito e morando em Brasília, passara a ter aquele sonho. Era aquele sonho que o trazia ao analista. Repetia-se sempre. Estava numa praia deserta, o pai enterrado na areia, com apenas a cabeça de fora. E ele, com uma pá, ia soterrando-o pouco a pouco, lentamente, sentindo um prazer sádico em fazê-lo, indiferente às suas súplicas, seus olhos esbugalhados.

A explicação do analista era demasiado óbvia. Ele

odiava o pai desde a infância. Pelas surras que o vira aplicar na mãe, alcoolizado. Pelo que a fizera sofrer. Sobretudo pelo flagrante de adultério que a humilhara publicamente (ainda que depois a perdoasse e recebesse de volta). Certamente já tivera desejos de matá-lo. Apesar de simplista, a interpretação deixou muitas dúvidas em seu espírito. Havia dentro dele um ódio contido contra o pai, a ponto de desejar vê-lo morto? Por diversas vezes discutira com Américo, rebelara-se contra ele. Mas seria capaz de regosijar-se, por exemplo, com a sua morte? O que mais o preocupava, com relação ao sonho, é que tantas vezes já o tivera, que era capaz de vivenciá-lo, conscientemente, como uma premonição. Isso o assustava, porque já tivera outras premonições e se sabia dotado de poderes paranormais, como a telepatia e a clarividência. Uma das divergências com o pai fora decorrente da insistência de Américo em explorar comercialmente esses poderes. Em criança, chegara a exibí-lo algumas vezes na Televisão (Édipo conseguia ler o que estava dentro de um envelope). Mas Édipo recusou-se a continuar sendo explorado, para desespero de Américo que antevia nele uma mina de ouro. Vivia concebendo projetos para excursionar pelo País e pelo mundo, ganhariam rios de dinheiro. Não só Édipo, Mercedes também se opunha. Conhecia bem o marido, seu caráter fraco, boêmio, e sua total incompetência nos negócios. Ao casar-se com ele, Mercedes possuía um pequeno pecúlio que herdara do pai. Em poucos anos Políbio o desbaratara em empreendimentos fracassados. O jogo e o alcoolismo vieram depois para liquidar o que restava. Mérope não o perdoava por tudo isso e vingava-se traindo-o com seus amigos, sem muita preocupação em ser discreta.

Édipo era para ambos a única esperança de uma volta aos melhores dias. Sua chegada, 25 anos antes (quando a ginecologista desiludiu Mercedes da esperança de ter filhos), dera nova motivação a suas vidas, consolidara uma relação que já começava a se deteriorar. E durante todos esses anos de desentendimentos e agressões mútuas, fora ele o elo que os mantivera juntos, apesar de tudo.

Só depois que saiu do analista e deu partida ao car

ro Édipo lembrou-se da solenidade de entrega de prêmios publicitários. Pisou fundo no acelerador, mas quando chegou ao local da cerimônia encontrou apenas Letícia, sozinha, esperando-o na porta do Teatro. Estava preocupada.

- Que aconteceu?

- Nada. Fui ao analista.

- Esqueceu? Você não veio receber o prêmio. Caiu mal.

- É esqueci. Que vou fazer?

- Puxa vida, Édipo, seus pais estiveram aqui, o pessoal da televisão, reporteres de todos os jornais de Brasília todo mundo esperando você... você é mesmo incrível. Que tá havendo, amor? Alugm problema?

Ele explicou, depois que se sentaram à mesa de um bar próximo. Ela procurou minimisar.

- Sonho? Ora, se eu fosse levar a sério os sonhos horríveis que tenho todas as noites.

- Mas comigo é diferente, você sabe.

Sim, ela sabia. Tudo com ele era diferente. Embora estivessem namorando há apenas 15 dias, ela mesma já testemunhara alguns fenômenos difíceis de explicar. Por vezes, Édipo lhe parece um ser extraterrestre.

- Além do sonho, eu já me vi matando meu pai. Sem estar sonhando.

- É que você é muito impressionável...

- Não, não é. Você acredita em Astrologia?

- Mais ou menos. Sou virgem... sem duplo sentido...

- Na semana passada, mandei fazer meu mapa astrológico. Plutão em oposição a Marte natal indicam que vou passar por um período de violenta transformação em minha vida, período marcado por uma grande perda.

- Entendo... você ligou isso ao sonho... Posso lhe fazer uma pergunta? Você ama seu pai?

Ele custou a responder, como se estivesse, como bom libriano, pesando seus sentimentos.

- Acho que sim, apesar de tudo.

- Então? Por que tá tão grilado?

Tinham-se conhecido duas semanas antes, por uma série de acasos. Naquela tarde, devido à greve dos ônibus, Letícia fora dispensada mais cedo do escritório de advocacia onde trabalhava. Preocupada em conseguir um taxi, mudara o trajeto que fazia normalmente, buscando uma avenida de mais trânsito. Édipo comandava uma pequena equipe de filmagem, realizava um comercial para a TV. Embora estivesse preocupada com a condução, Letícia parou e ficou olhando, à distância, juntamente com meia dúzia de curiosos. Édipo conferia o enquadramento de uma cena, quando a viu. Houve uma troca de olhares e até hoje ela jura que escutou uma ordem, que não foi dada por palavras, mas por "alguma coisa" que significava "Vai lá, ele está te chamando." E ela foi.

- Me chamou?

- Não.

Ela perdeu o jeito, sentiu-se ridícula.

- Desculpe... pensei... tive a impressão...

Ele tentou quebrar seu constrangimento.

- Não chamei, mas você é muito bonita, se quiser participar do filme...

Ela não aceitou. Meia hora depois começou a chover e Édipo teve que interromper a filmagem. Encontrou-a ainda no ponto de táxi. Ofereceu-lhe uma carona. E daí em diante tudo aconteceu de maneira fulminante. Foram jantar juntos, falaram durante quatro horas seguidas sobre suas vidas e, ao término, como se já se conhecessem há muitos anos, foram a um motel e fizeram amor. No dia seguinte, enquanto a mãe estranhava a hora que ela havia chegado em casa, Letícia lembrava o acontecido e não encontrava explicação. Parecia que tudo conspirara para que ela e Édipo

se encontrassem. A greve de ônibus, a mudança do trajeto, a impressão de que ele a chamara, a chuva... e finalmente a atração mútua e irresistível, com a força do inevitável. Tudo aqui lo lhe parecia um ritual mágico, comandado por forças invisíveis, do qual ela participara em estado de hipnose.

Um incidente ocorrido dias após contribuiu para que Édipo decidisse abandonar a companhia dos pais. Mais uma vez chegara em casa e encontrara a mãe em prantos. Américo a agredira, depois que ela se recusara a entregar-lhe algumas economias. Édipo sentiu o sangue latejar nas veias. Resolveu esperar o pai. Sabia que devia estar num bar qualquer bebendo com os amigos. Ia chegar tarde e bêbedo. Enquanto esperava, Édipo pensou no que ia fazer. O ímpeto era de lhe dizer umas verdades e esmurrá-lo. Lembrou-se do sonho, do mapa astrológico e receiou que sua premonição estivesse para cumprir-se. Subitamente, sentiu medo. Colocou algumas roupas numa maleta e foi dormir num hotel. No dia seguinte, comunicou aos pais a sua decisão: ia viajar. Não tinha ainda nenhum projeto definido. Viajaria para o Rio e lá resolveria o que fazer. Talvez fosse para São Paulo, o importante era afastar-se dos pais.

Américo e Mercedes não entenderam. Por que aquela decisão repentina, vender a sua parte na produtora independente agora que conseguira se firmar ganhando um prêmio, inclusive, abandonar tudo e se lançar numa aventura, por que? Édipo procurou tranquilizá-los. Não era uma aventura, mas um passo inevitável. Em Brasília chegara onde podia chegar. Se queria continuar progredindo, tinha que mudar-se para o Rio ou São Paulo. Édipo viu que ia arrasá-los, mas não tinha outra alternativa.

Esses argumentos não foram suficientes para convencer Letícia. Ela sentiu que ele estava fugindo de alguma coisa. Chegou a pensar que fosse dela mesma. Talvez tudo tivesse acontecido depressa demais e ele quisesse afastar-se para refletir sem a pressão sufocante de sua paixão. Mas Édipo a convenceu de que não era isso: se ela não conseguisse suportar a saudade,

estaria à sua espera. Era o mesmo que um convite para acompanhá-lo. Mas ela não podia, assim, de repente. Prometeu ir depois.

Aos quarenta e três anos, aparentando dez a menos, Jocasta era uma mulher na plenitude de sua beleza. A idade só contribuíra para torná-la ainda mais sedutora, embora as perseguições políticas, as prisões e as decepções ideológicas e sentimentais tivessem marcado profundamente seu espírito. Interiormente, muito machucada. Exteriormente, representava o papel da mulher exuberante, mundana, devoradora de homens, vivendo a vida apaixonadamente. Sufocava a verdadeira Jocasta, não lhe permitindo vir à tona senão em raros momentos de incontível sinceridade. Se pudesse libertá-la de dentro de si, revelaria o que realmente era, uma mulher frustrada sentimental e sexualmente, incapaz de amar e sentir prazer, no fundo uma puritana que se envergonhava de seu puritanismo e o escondia vendendo a imagem da mulher liberada e fácil. Chegara a casar-se com Laio, de quem se separara há dez anos, quando descobrira que ele era bi-sexual. Estava ainda ligada a ele pela gratidão: nos anos setenta, ele a tirara da cadeia, fazendo-a sair do País, subornando Deus e o mundo. Depois, conseguira trazê-la de volta e protegê-la. Continuava protegendo-a. Na verdade, ainda a amava, a seu modo. Mas Jocasta não esquecia que fora ele que a forçara a entregar o filho (de início lhe dissera que a criança havia morrido, mas após o casamento lhe revelara a verdade). Reencontrar o filho se constituíra no maior objetivo de sua vida. Durante anos e anos se empenhara na busca à enfermeira que servira de intermediária, contratara detetives, inutilmente. A última investigação dava a enfermeira como morta, ainda que sem uma comprovação absoluta. Perdia-se assim o único elo que a poderia levar até o filho. Essa decepção, somada a todas as outras, justificava a personalidade contraditória, o ar enigmático, seus traumas. Mesmo assim, guardava ainda um fio de esperança. Talvez em algo sobrenatural. Não era mais aquela materialista ortodoxa. Das certezas de outrora haviam nascido

→
Isto é
Creonte

muitas dúvidas, muitas perguntas sem resposta. Isso fizera com que desenvolvesse indagações em campos extra-científicos, ou extra-rationais. Na busca ao filho, ela não hesitara em apelar para videntes e cartomantes. Nunca conseguira que Laio a ajudasse nessa procura. Embora a tivesse perdoado por tê-lo enganado sobre o filho, Laio continuava a temer a profecia dos búzios, ainda que, com o tempo, quase a tivesse esquecido. Com a morte do velho Michel, herdara boa fortuna, que conseguira deduplicar por meios ilegais. Partindo do comércio de pedras que o pai lhe legara, expandira sua ação para a exploração de jogos clandestinos, ligando-se à máfia corsa e realizara seu grande sonho, tornar-se "um grande gangster à moda antiga" (sem desprezar a tecnologia moderna). Só que ainda não satisfizera toda a sua ambição, queria eliminar todos os seus concorrentes na América do Sul, expandir o seu império até os limites do continente. Creonte, irmão de Jocasta, tornara-se seu braço direito. Oportunista, ambicioso, conquistara a confiança e a amizade de Laio desde que o ajudara a reconquistar Jocasta e casar-se com ela. Com a separação, divididos os bens, Jocasta ficara com várias propriedades e algumas empresas legais que Creonte administrava. A maioria das empresas porém ficara com Laio e servia de fachada para seu negócio sujo e lucrativo.

No momento em que Édipo tomava a decisão de mudar-se para o Rio, Laio aceitava encontrar-se com o único homem que ainda se opunha à realização de seu sonho de domínio total. Toni Carrato, que tinha seu quartel general em São Paulo, mas que viera ao Rio para um acordo. O encontro foi marcado para um pequeno restaurante, local bastante discreto da Estrada Rio-Petrópolis. Para que a discricção fosse absoluta, ficou acertado que os dois iriam sem guarda-costas.

Ao aproximar-se do local, Laio notou que estava sendo seguido. Pouco depois, seu carro era ultrapassado e cortado ao meio por uma rajada de metralhadora.

Édipo viu aquele homem agitando os braços no meio da estrada. Pensou imediatamente na possibilidade de ser um truque para possibilitar um assalto. Não ia parar. Mas o homem se colocou no centro da pista e ele foi forçado a acionar os freios. Só então viu que o desconhecido empunhava um revólver.

- Desça! Preciso desse carro.

Édipo obedeceu, mas tentou argumentar.

- Amigo, estou chegando de viagem, minhas malas...

O homem cortou, ríspido.

- Anda, cara! Tou com pressa!

Édipo afastou-se e o homem deu-lhe as costas para entrar no carro. Um golpe de caratê na nuca fez com que ele se voltasse, atordoado. Um pontapé no punho lançou a arma à distância e os dois se atraçaram. Estavam à beira de um precipício. O corpo a corpo durou apenas um minuto. O desconhecido era de meia idade, mas bastante corpulento. Só depois Édipo veio a descobrir que ele estava ferido, pela mancha de sangue que deixou em sua roupa. Depois que seu grito, rolando no abismo ecoou pelas montanhas e deixou Édipo paralisado pelo horror. As pernas trêmulas, o coração disparado no peito, levou vários segundos debruçado sobre o volante do carro, sem ação, até, num gesto automático, soltar o freio de mão e deixar o carro deslizar estrada abaixo.

No dia seguinte, despertou num quarto de Hotel, e custou a descobrir onde estava. Não se lembrava de nada, a não ser de sua partida de Brasília. Como viera parar naquele hotel, não sabia. Sua mente bloqueara, numa amnésia parcial, tudo que ocorrera durante a viagem. Por isso ele não entendia por que sua camisa estava manchada de sangue.

O carro de Laio, crivado de balas, foi encontrado pela polícia horas depois. Mas a ausência de seu ocupante lançou de imediato uma cortina de mistério sobre o ocorrido. Manchas de sangue no asfalto indicavam que alguém fora ferido e abando

nara o local. Como Laio usara um veículo de propriedade de uma de suas firmas, seu nome não foi de pronto associado ao fato. Também a falta de um cadáver reduziu ao mínimo o interesse da imprensa.

A comunicação da polícia de que um veículo da Imobiliária Esfinge havia sido encontrado abandonado na Rio-Petrópolis, com marcas de bala, levou Jocasta a concluir de imediato que Laio havia sido vítima de uma emboscada. O encontro marcado por Carrato para um entendimento (vinha a saber disso agora, por intermédio de ^{Creonte} ~~Laio~~) era apenas uma armadilha para matá-lo. Pelo visto, não tinham conseguido, Laio escapara, mesmo ferido. Mas onde se encontrava? Teria havido um sequestro? Se assim fosse, Carrato e seus homens se manifestariam, apresentando as condições para libertá-lo. Jocasta foi de opinião que deveriam procurar a Polícia e formalizar uma acusação contra Carrato. Mas Creonte se opôs veementemente. Nada de Polícia. Isso seria trazer o inimigo para dentro de casa. Laio não aprovaria, de modo algum. E seguiram-se dias de tensa expectativa, sem qualquer dado que pudesse solver o mistério. O inquérito policial foi arquivado, concluindo o Delegado encarregado de que tudo não passara de uma troca de tiros entre traficantes. O desaparecimento de Laio não foi, oficialmente, comunicado.

Jocasta alimentava a esperança de que Laio ainda estivesse vivo. E por isso, um mês após o seu desaparecimento, pediu a Creonte que fizesse um contato com Toni Carrato. Não foi preciso, o próprio Carrato surgiu inesperadamente em sua casa. Com uma sinceridade que impressionou Jocasta, jurou não ter nada com o caso. Naquela tarde, esperara Laio até o anoitecer. E estava disposto a fazer com ela o acordo que ia fazer com ele, dividir territórios de influência, etc.. Jocasta se recusou a discutir o assunto. Se Laio estivesse morto, esses negócios morreriam com ele. Creonte discordou. Como braço direito de Laio, achava-se no direito de substituí-lo. Conhecendo o caráter ambicioso do irmão, por um momento, Jocasta chegou a suspeitar dele. Quem mais sabia daquele encontro?

Quando um corpo em adiantado estado de decomposição foi, finalmente, descoberto, no fundo de um despernhadeiro, na estrada Rio-Petrópolis, Jocasta teve que ir fazer o reconhecimento. Pelos anéis encontrados, já sabia que o corpo era de Laio. Creonte já assumira a direção de todos os seus negócios. Mas permanecia o mistério: quem o matara?

A voz de Édipo ao telefone já levou Letícia a suspeitar de que algo de anormal estava acontecendo com ele.

- Largue tudo, pegue o primeiro avião e venha para cá.

- Mas eu não posso assim de repente. Tenho que me preparar, conseguir uma licença no emprego...

- Faça isso hoje mesmo e me telefone, vou te esperar no aeroporto.

Letícia não telefonou, resolveu fazer uma surpresa. No dia seguinte, desembarcava no Galeão e preparava-se para pegar um táxi, quando esbarrou num homem: era Édipo. Nunca conseguiu entender como ele soubera de sua chegada.

Ele a levou para o pequeno apartamento que acabara de alugar e não quis responder às primeiras perguntas. Parecia sequioso de sexo. E Letícia chegou a imaginar que sua ansiedade era apenas falta de amor. Sentiu-se feliz, porque descobriu que fazia a ele a mesma falta que ele lhe fizera. Somente ao fim de várias horas de um amor desesperado, exaustos, relaxados, conseguiu fazer a pergunta que a angustiava.

- Aconteceu alguma coisa com você?

- Por que? Ele não conseguiu disfarçar a surpresa da pergunta.

- Você estava tão ansioso ontem, no telefone... e também quando cheguei... Será que era tudo saudade de mim?

Ele hesitou antes de responder.

- Era também isso.

- Também? E que mais?

- Não quero falar nisso. O que importa é que você está aqui.

Édipo pensou em falar sobre aquela misteriosa mancha de sangue. Mas não teve coragem. Na verdade, já se sentia aliviado tendo-a a seu lado.

Letícia ainda tivera tempo de conseguir uma carta de apresentação. Ia tentar um emprego, já que Édipo decidira fixar-se no Rio. Ele leu o nome no envelope: Jocasta Silveira Lunardo.

- É uma fulana cheia da nota, dona de várias empresas. O escritório de advocacia onde eu trabalho tem, ou teve, alguma ligação com o grupo dela. Foi o chefe quem me deu esta carta.

- Você não precisa de emprego. Logo que eu consiga um sócio para montar a minha produtora independente, você vai trabalhar comigo.

- Mas isso vai ser quando?

- Muito breve.

- E até lá?

Édipo acompanhou Letícia à residência de Jocasta. Ela não estava e tiveram de esperar alguns minutos no living confortável e luxuoso. Jocasta voltava do necrotério, onde fora reconhecer o corpo de Laio. Estava muito abalada. Leu a carta rapidamente e deu instruções à secretária para que redigisse outra apresentando Letícia ao Gerente de sua empresa de publicidade. Por um instante, Letícia teve que ausentar-se para o gabinete ao lado, a fim de fornecer maiores informações à secretária. Édipo ficou a sós com Jocasta que lhe pareceu uma mulher enigmática como uma esfinge. ("Decifra-me ou devoro-te") Procurou decifrá-la. Seu olhar penetrante passou a incomodá-la.

Achou-o impertinente. Pensou em sair da sala, mas algo a prendia ali.

- Posso saber por que está me olhando desse modo?

- Estou vendo a sua áura.

- Áura?

- A energia irradiada por seu corpo. É uma luz muito forte. Pela coloração, vejo também que não está bem, emocionalmente.

Pelo inusitado, Jocasta não soube o que fazer, senão rir, com ironia.

- Costuma ver isso em todas as pessoas?

- Não, só em algumas. Ou quando eu quero ver.

Ainda que procurasse minimizá-lo, Jocasta não conseguiu esquecer o incidente. Uma tolice, aquele rapaz fizera aquilo para impressioná-la. Com que objetivo? No dia seguinte, telefonou ao gerente da empresa de publicidade e deu ordem para empregar Letícia. Depois interrogou-se: por que fizera aquilo? Alinhou razões, todas falsas, recusando-se a admitir a verdadeira: queria manter o elo com o rapaz, através de sua namorada. Tanto que, dias depois, quando Letícia lhe telefonou agradecendo, convidou-a para a festa de seu aniversário, na semana seguinte. Não tinha por que fazê-lo, senão pelo desejo de rever aquele rapaz, cujo nome nem sabia.

Letícia achou estranho o convite. Uma gentileza excessiva de quem mal acabara de conhecer. Achou até que não passava de uma gentileza formal e que não devia levar a sério. Foi Édipo quem fez com que mudasse de idéia, argumentando que poderia parecer indelicado de sua parte. Ele também queria rever Jocasta.

Foi uma reunião íntima, a morte ainda recente de Laio não permitia grandes comemorações. Se bem que, separados de fato há dez anos, nunca haviam legalizado o divórcio. Jocasta

convidou pouca gente, apenas os pais, Mário e Cêres, Creonte e a mulher, os irmãos e uma dúzia de amigos, alguns ex-namorados. Mas tornou-se logo evidente, para ambos, a atração que ela e Édipo sentiam um pelo outro. Atração que fazia com que fossem dispendo as pessoas, ao correr da noite, como peças de xadrez, a fim de que, no fim, ficassem frente a frente, como uma dama em xeque-mate ao rei.

- Se você tem o dom de ver a áura das pessoas, deve ter também o de ler pensamentos, prever o futuro.

- Às vezes, isso acontece, respondeu Édipo com simplicidade. Se bem que não gosto de fazer uso dessas coisas.

- Por que?

- Porque tenho medo. Não gosto, por exemplo - e ele a olhou fundo, parecendo mergulhar no interior de sua alma - não gosto de saber que as pessoas nunca são o que parecem ser. Que a senhora é precisamente o oposto do que aparenta e do que gosta que imaginem que é.

- E quem sou eu, verdadeiramente? Ela perguntou sorrindo, como se não o levasse a sério.

- A senhora é uma mulher solitária e frustrada.

Jocasta teve a sensação de que ele lhe arrancara todas as roupas e a exibia, nua, diante de todos. Só pôde reagir com uma gargalhada. Mas a verdade é que, com aquelas palavras, ele a prendera definitivamente, como num passe de bruxaria.

Loucura, loucura, Jocasta não podia admitir, a diferença de idades tornava ridículo pensar que ela pudesse estar apaixonada por aquele rapaz e vice-versa. Reconhecia que se sentia presa a um magnetismo que vinha dele e que provocava um desejo de tê-lo sempre por perto, de conversar com ele, de protegê-lo também, ao mesmo tempo que se sentia protegida, Mas era só isso.

E foi com essas justificativas para si própria que se

dispôs a ajudá-lo quando veio a saber, por intermédio de Letícia, de seus projetos para organizar uma produtora independente de filmes para televisão. Foi além, ofereceu-lhe a direção da agência de publicidade, criando um cargo acima da gerência, fato que desagradou Creonte e provocou violento atrito entre ambos. O irmão não via Édipo com bons olhos. Desde a festa de aniversário que percebera o interesse de Jocasta pelo rapaz. Não era a diferença de idades, num possível caso de amor, que o incomodava. Era a ameaça que Édipo representava para sua sede de poder. Agora que Laio estava morto e que reinava sozinho, não iria dividir esse poder com um jovem vindo ninguém sabia de onde. Tinha que afastá-lo, custasse o que custasse, ainda que tivesse de recorrer aos meios mais baixos. A começar pela intriga. Com seu maquiavelismo, não lhe foi difícil levar Letícia a descobrir a ligação entre Édipo e Jocasta e fazê-la romper com ele. E isso aproximou Édipo ainda mais de Jocasta, saindo o plano de Creonte ao contrário do que pretendia. Semanas após, Jocasta e Édipo surpreendiam a todos com a comunicação de seu casamento daí a dois meses.

Um dia, Jocasta lhe falou do filho que tivera e fora obrigada a abandonar. Durante toda a vida buscara desesperadamente reencontrá-lo e essa era a origem de todas as suas frustrações. Édipo viu o quanto isso era importante para ela e decidiu ajudá-la. Quem sabe se, com seus poderes de sensitivo, conseguiria chegar onde os detetives contratados não haviam conseguido? A enfermeira, única pessoa que poderia indicar os nomes do casal que adotara a criança. A última investigação a dera por morta, mas algo dizia a Jocasta que estava viva, em algum lugar.

Édipo fez inúmeras sessões de concentração. As primeiras, inutilmente. Começava já a desistir, quando começou a "ver" algo... era um asilo de velhos... próximo a uma linha de trem.

Imediatamente Jocasta mandou fazer um levantamento de todos os asilos de velhos do país localizados perto de estradas de ferro. Não eram muitos. Podia visitar todos eles em pouco

tempo. Tinha que ir pessoalmente, pois se julgava capaz de re-
conhecer a enfermeira, apesar do tempo decorrido.

A busca levou algumas semanas. Finalmente, no quinto
asilo visitado, numa enfermaria, encontrou Dona Lucrecia. Não
era uma enfermeira, era uma paciente, em estado bastante grave.
Não foi fácil fazê-la falar. Recusou-se terminantemente, a
princípio, lembrando o compromisso que assumira. Mas, em seu es-
tado de saúde, não podia resistir por muito tempo aos apelos
desesperados de Jocasta, que tudo lhe prometia. Lucrecia sabia
que lhe restava pouco tempo de vida. Por que levar para o túmu-
lo aquele segredo? Mas o que poderia dizer era muito pouco.
Apenas os nomes de ^{Américo} Polibio Junqueira e ^{Mercedes} sua mulher, ~~Méropo~~. Per-
dera o contato com eles há muito tempo, quando ainda viviam nu-
ma imensa mansão, em Belo Horizonte. Podia fornecer o endereço,
mas sabia que não mais residiam lá.

De posse do endereço, Jocasta partiu para Belo Hori-
zonte e lá descobriu que a família Junqueira se mudara para Brasília. Par-
tiu para lá e, pela lista telefônica, relacionou todos os Junqueiras e
passou a visitar um por um. Havia um E. Junqueira, que deixou por último
porque a inicial não coincidia com os nomes que a ex-enfermeira lhe fornecera.

Mercedes a recebeu julgando que se tratava de uma ven-
dedora de cosméticos ou coisa semelhante. Mas logo viu que não
era, quando Jocasta lhe fez a primeira pergunta.

- É aqui que mora o Dr. Américo Junqueira?
- É meu marido, mas ele não está em casa.
- A senhora se chama Mercedes?
- Isso mesmo. Mas por que pergunta? É com ele ou comi-
go que quer falar?

Jocasta não conseguia disfarçar sua emoção. Eram eles.
Eles tinham o seu filho. Seu coração disparou, suas mãos come-
çaram a tremer. Mercedes notou.

- A senhora está sentindo alguma coisa?
- Não... é que... andei muito hoje, estou exausta...
Tem um copo d'água?

Mercedes lhe trouxe o copo d'água, achando cada vez mais estranha aquela mulher tão bonita e tão bem vestida, que até aquele momento não dissera o motivo de sua visita.

- Posso lhe fazer mais uma pergunta? A senhora tem um filho?

- Tenho. Mas também não está. Mudou-se para o Rio de Janeiro. Num gesto instintivo, Mercedes dirigiu um olhar ao retrato de Édipo sobre a mesinha de canto. Jocasta acompanhou seu olhar e sentiu que ia desmaiar. Levantou-se e tomou o retra to entre as mãos trêmulas.

- É ele?...

- É.

- Como se chama?

- Édipo.

Jocasta não suportou. Recuperou os sentidos poucos minutos depois e já Américo estava a seu lado, oferecendo-lhe alguma coisa para beber.

- Está melhor? perguntou Mercedes.

- Mas o que aconteceu? - Américo entrara no momento em que suas pernas vergavam e ela caía desmaiada no sofá.

- Não sei... Essa senhora... ela estava vendo o retra to de Édipo e desmaiou.

- Quem é?

- Não sei. Ela perguntou por você...

Jocasta já se sentia melhor e tudo que queria era deixar aquela casa e voltar ao hotel. Gaguejou algumas desculpas.

- Não... eu acho que me enganei... não são as pessoas que procuro. Me desculpem... desculpem pelo trabalho que dei... Eu tenho que ir...

Américo e Mercedes se entreolharam, surpresos, depois que ela saiu.

- Essa mulher é maluca.

- Só pode ser.

No avião, de volta ao Rio, Jocasta tinha a impressão de estar sob uma febre de 40 graus. Em sua mente, as imagens se superpunham desordenadamente, como num delírio. E subitamente, o babalaô jogando os búzios, vinte e cinco anos antes e dizendo:

- Muito amor... filho e mãe, muito amor... Mas não amor puro... Odú não é bom.

Tomou logo uma decisão: romper imediatamente o noivado. Mas como poderia fazer isso sem magoá-lo? Por outro lado, tinha agora ímpetos de protegê-lo, maternalmente. Como poderia fazê-lo, sem provocar uma confusão de sentimentos?

Édipo sentiu a brusca mudança de Jocasta, após a viagem. Ela nada lhe falou sobre a enfermeira. Disse que a busca fora infrutífera e ela desistira totalmente de procurar o filho. Ele atribuiu sua frieza à decepção. Mas era difícil conformar-se com uma mudança tão brusca. Jocasta o tratava como se nada tivesse havido entre ambos e não tinha coragem de encará-lo. Édipo exigiu uma explicação e ela lhe deu.

- Você é uma criança. Tenho idade para ser sua mãe. Pense nisso e não me peça mais explicações. Não posso me casar com você. Vamos continuar trabalhando juntos, mas nunca esqueça o que estou lhe dizendo.

Édipo passou vários dias atordoado, procurando absorver o golpe que sofrera. Não conseguiu entender e muito menos se conformar. Talvez tivesse se enganado a respeito de Jocasta e ela não passasse mesmo de uma mulher volúvel, uma devoradora de homens, servindo-se deles segundo seus caprichos, tal como todos a julgavam. Tudo isso o levou de volta aos braços de Letícia, que o recebeu sem queixas e sem impor condições.

E não foi fácil a Jocasta reprimir sua atração por Édipo e subliná-la num amar maternal extremado e protetor. Difícil aceitá-lo novamente unido a Letícia.

Foi o próprio Édipo quem decidiu apresentar o seu pedido de demissão. Ia seguir daí em diante por conta própria, organizar sua produtora independente, prescindindo mesmo da sociedade que haviam combinado. Jocasta não aceitou e disse que, em vez disso, queria entregar-lhe a direção de todos os seus negócios. Creonte ficaria apenas com os negócios de Laio, isto é, a parte clandestina, ilegal com a qual ela nunca quisera contato. A proposta deixou Édipo sem ação. Era um verdadeiro império e embora ele tivesse pedido vinte e quatro horas para pensar, sabia, intimamente, que não conseguiria resistir. Somente uma dúvida o assaltava: por que Jocasta estava fazendo aquilo, depois de tê-lo magoado tão fundamentalmente?

Jocasta sabia que o irmão não ia ceder parte de seu poder facilmente. Por isso preparou-se para sua reação e tratou de convencê-lo a aceitar, fazendo-o entender que, como legítima herdeira de tudo, podia fazer o que bem entendesse, sem ter que lhe dar satisfações. Personalidade forte, Jocasta acabou impondo a sua vontade. Mas daí em diante Édipo teria em Creonte um inimigo implacável, disposto a travar com ele uma luta sem tréguas pelo poder.

A atitude de Creonte e outros indícios levaram Édipo a suspeitar de que fora ele que arquitetara o assassinato de Laio. Vendo que precisava ter uma arma para fazer frente as suas intrigas procurou todas as informações disponíveis sobre o atentado e passou a investigar o crime por conta própria. Ao saber disso, Jocasta tentou detê-lo. Não que suspeitasse dele, nada havia que pudesse levá-la a isso, embora não tivesse esquecido a profecia dos búzios referente a Laio. Mas algo lhe dizia que era melhor sepultar para sempre o assunto. Édipo prometeu, mas, secretamente, continuou a investigar. Tudo que se sabia era que Laio, indo ao encontro de ^{João} Pepe Carrato, tivera seu carro metralhado por desconhecidos num ponto da Estrada Rio-Petrópolis. Meses depois, seu corpo fora encontrado no fundo de um despenhadeiro. A amnésia parcial de que fora acometido, impediam Édipo de fazer, de imediato, qualquer ilação entre esses dados e o assaltante que o atacara quando de sua chegada ao Rio. Mas uma

coincidência chamou sua atenção: ambos os fatos haviam acontecido no mesmo dia. Por outro lado, se o trauma apagara de sua memória tudo que ocorrera desde sua saída de Brasília até seu despertar, no dia seguinte, já no Hotel no Rio, tinha consciência de que algo acontecera, pela mancha de sangue em sua camisa. Aos poucos, começou a pressentir que a explicação de tudo poderia estar em sua própria mente bloqueada.

Por essa época, já de casamento marcado com Letícia, resolveu trazer os pais para o Rio. E o encontro deles com Jocasta acabou acontecendo, por mais que ela procurasse evitá-lo. Américo e Mercedes reconheceram imediatamente a mulher que os visitara em Brasília. Intrigados, levaram o fato ao conhecimento de Édipo, que deduziu emocionado: Jocasta era sua mãe, era ele o filho procurado (salve os gregos, mestres do folhetim!).

Jocasta, pressionada por ele, não pôde deixar de confirmar tudo. Édipo entendeu então porque ela mudara de atitude para com ele, só não entendia por que ela lhe suplicava agora novamente que parasse com a investigação em torno do assassinato de Laio. Como poderia, se agora sabia que era seu pai?

As sessões de análise pouco adiantaram. Apenas levantaram uma hipótese: quem sabe indo ao local onde o corpo de Laio fora encontrado... Édipo pediu a Letícia que o acompanhasse. Tiveram que ir até Petrópolis, para pegar a estrada de volta. Mas não precisou chegar até o local. Numa das muitas curvas da estrada, acionou bruscamente o freio: via um homem no meio da pista, fazendo sinais.

- Lá está ele! Lá está ele!

- Ele, quem Édipo? Não vejo ninguém!

Segundos após, completamente transtornado, Édipo caía em pranto, abraçado a Letícia.

- Eu matei meu pai!

No dia seguinte, Letícia encontrou um bilhete lacônico pregado no espelho do banheiro: "Amor, adeus, não me procure". Sem levar consigo uma só peça de roupa, Édipo desapareceu, sem deixar vestígios de seu paradeiro. Jocasta, Américo, Mercedes, todos começaram a procurá-lo por toda a parte. As buscas eram infrutíferas e a hipótese do suicídio passou se impor de maneira aterrorisante. Já se passara um mês e nem mesmo a Polícia, notificada depois de alguns dias, descobrira a menor pista.

Um dia, pensando em Édipo e chorando sua ausência, Letícia lembrou-se de uma visita que fizera com ele, ao Vale do Amanhecer, em Brasília. Édipo se portara de maneira estranha. Levava-a a caminhar por uma planície e parecia tomado de profunda emoção, contemplando o descampado.

- Um dia, eu vou vir para cá... quando quiser descobrir quem sou e o que estou fazendo neste mundo.

Numa súbita inspiração, Letícia se arrumou rapidamente e partiu para o aeroporto.. Horas depois estava em Brasília, tomando um táxi.

No Vale do Amanhecer, não foi difícil localizar Édipo. Ele tentou fugir, a princípio, depois encontrado por Letícia, suplicou-lhe que fosse embora e o deixasse em paz. Não estava ainda preparado para voltar. Letícia viu em seu rosto as marcas do sofrimento e da tragédia. Apelou para Jocasta. E foi ela quem o convenceu a voltar ao Rio. Que culpa ele tinha? Que culpa tinham eles, se haviam sido apenas joguetes do destino? Peças de um jogo de cartas marcadas, no qual haviam agido na mais pura inocência, obedecendo a impulsos que julgavam normais, apesar do horror de sua anormalidade. Mas a sociedade seria capaz de entendê-los? Fosse como fosse, deviam enfrentá-la. E ela estaria a seu lado.

CONCLUSÕES

Como foi fartamente noticiado pelos jornais, revistas e emissoras de TV, Édipo Junqueira entregou-se à justiça alguns dias depois.

Como réu primário, pôde defender-se em liberdade.

A tese de legítima defesa levou o júri popular a de clará-lo inocente.

Causou perplexidade o depoimento de Jocasta Silveira, ex-militante comunista e ex-guerrilheira, que afirmou estar tu do previsto pelos búzios, antes mesmo do acusado nascer.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

OS SILVEIRA

JOCASTA

Estudante de Sociologia da PUC, tem 18 anos na primeira fase. Família de classe média, o pai um velho militante comunista, sectário, o avô anarquista. Jocasta teria que ser, fatalmente, uma agitadora. Milita ativamente no movimento estudantil, ama o teatro, a nova dramaturgia brasileira que surge no início dos anos 60, a bossa nova. E tenta participar de todos esses movimentos. Sua personalidade é oposta à de Laio. No que Laio é inseguro, ela é a segurança em pessoa, carregada de sonhos, mas na certeza de realizá-los um dia. Na segunda fase, com 43 anos, está na plenitude de sua beleza e vende a imagem da mulher liberada, mundana, devoradora de homens, mas, em certos momentos, enigmática como uma esfinge. Na verdade, é o oposto do que aparenta ser, uma mulher frustrada sentimental e sexualmente, incapaz de amar e sentir prazer. As desilusões políticas, além das perseguições por que passou a marcaram muito. Nada a marcou tanto, porém, quanto a perda do filho. Reencontrá-lo, descobrir seu paradeiro, tornou-se uma obsessão. Chegou a casar-se com Laio, de quem está separada desde que descobriu que ele era bi-sexual. Mas ainda está ligada a ele pela gratidão, pela proteção que ele lhe dá. Vários homens passaram por sua vida, depois dele. A nenhum conseguiu ligar-se por muito tempo, seriamente. Está só, encastelada em sua solidão. Conserva ainda um pouco de sua formação contestadora. Mas das certezas de outrora nasceram muitas dúvidas, muitas perguntas sem resposta.

CREONTE

Irmão de Jocasta, aparece na primeira fase com 22 anos e na segunda com 47. Oportunista, intrigante, ambicioso, torna-se o braço direito de Laio e é suspeito do atentado que acaba por levá-lo à morte.

Quando Laio morre, Creonte o substitui na direção dos negócios ligados à Máfia corsa a travar uma luta sem tréguas em duas frentes: contra Édipo e contra seus rivais no crime organizado. De subserviente, bajulador, transforma-se num tirano, quando galga o poder. Tem um ciúme incestuoso de Jocasta. No fundo, tem por ela uma paixão recalçada, que o faz eliminar todos que dela se aproximam e por quem ela se sente atraída.

TÚLIO

Pai de Jocasta. Aparece na primeira fase com 45 anos e na segunda com 70. Velho militante comunista, ortodoxo, campeão de caçadas, das quais muito se orgulha e sempre preparado para pegar mais uma. Apesar de sua postura ortodoxa, é comunicativo, bem-humorado, possui irresistível charme pessoal. A política é sua grande cachaça, seu vício. É poeta, compositor, pouco apegado às coisas materiais, gasta tudo que ganha, vive sempre na merda, mas abriga todo mundo em sua casa: parentes desempregados, companheiros em dificuldades, vagabundos. Vive às turras com Vovô Pepê, em discussões ideológicas (Vovô Pepê é um crítico ferrenho do Partido). Jocasta é sua filha preferida, ninguém melhor a entende que ele. Há entre os dois mais do que uma ligação pai-e-filha, uma cumplicidade de companheiros. Na segunda fase, aos 70 anos, continua o mesmo. Nada foi capaz de mudá-lo. Ele permanece, comoventemente, o mesmo de sempre, sonhador, fiel às suas idéias, ainda que sinta cada vez mais distante a sociedade justa com que sonhou.

PETRONILHO

Vovô Pepê, avô de Jocasta, pai de Túlio. Aparece com 70 anos na primeira fase e com 95 na segunda. Anarquista histórico e convicto, velho discípulo de Bakunin e Kropotkin, participou do movimento que fundou o Partido Comunista, em 1922, mas permaneceu anarquista. Tem idéias e comportamentos que causam permanentes problemas. Sua ojerisa à obediência e às normas vigentes, ao despotismo representados pelas leis, ou pelos regulamentos, faz com que nunca feche as portas, esqueça com frequência de vestir as calças, além de se recusar a pagar impostos.

Nunca os pagou, sofrendo sucessivas cobranças judiciais, que terminam em penhora de bens (bens que já não possui). Tem o carro rebocado por estacionar propositadamente em local proibido. Já foi preso por liderar uma passeata de protesto de donos de cachorros contra a Lei que os proibe de fazer pipi na praia. Foi preso por fazer, ele mesmo, num gesto simbólico de protesto... (o simbolismo não foi entendido...) Na segunda parte, aos 95 anos, esclerosado, causa problemas 'ainda maiores, confundindo tudo, fazendo observações sem nexos, mas sem nunca abdicar de seus princípios ideológicos, sua prepação por uma sociedade sem governo e por uma "violência criadora": para tudo acha que a solução é "uma dinamite". Adora Carnaval, porque tem, nos três dias de folia, quando o Governo entrega o poder ao povo e a igualdade libertária toma conta das ruas, dos salões e dos desfiles, o vislumbre de uma sociedade araquista. Destesta que alguém concorde com ele em alguma coisa: muda imediatamente de idéia. Ninguém o leva a sério na família, mas todos têm por ele enorme carinho.

CÉRES

A grande mãe. 40 anos na primeira parte, mulher de Túlio. É o ponto de equilíbrio e sustentação da família, já que é a única que cuida da casa, de funcionamento da pequena empresa familiar, cujos componentes têm sempre a cabeça em outras coisas, menos nas necessidades comuns do dia a dia. Vive cercada de pessoas que querem mudar o mundo; ela quer apenas colocar ordem na própria casa. E isso não é fácil. Parece que todos sonham e quem ela é a única que tem os pés na terra.

OS LUNARDO

LAI0

Na primeira parte, é um jovem de 25 anos, ainda estudante, relapso, repetindo todos os anos por falta de frequência às aulas. Alienado, vive de uma polpuda mesada que lhe dá o pai. Costuma dar festinhas de embalo em seu apartamento, onde se consome cocaína e maconha e, vez por outra, se fazes experiên

cias com LSD, para "abrir as portas da percepção". É profundamente místico, tendo extrema propensão a acreditar em tudo que cheire a paranormalidade. Está intoxicado de livros de parapsicologia, astrologia, ocultismo, sua mente se move nesse universo, onde os gurús, as cartomantes e os pais de santo têm sua palavra. É muito inseguro e necessita de todas essas "muletas" para viver e se explicar perante o mundo e perante si mesmo. Essa insegurança talvez advenha da separação prematura dos pais, quando ele tinha apenas dez anos e a mãe foi pela primeira vez internada numa clínica para doentes mentais. A partir de então, viveu de internato em internato. Aos 16 anos, voltou ao convívio paterno, mas os atritos com a madrasta e com o próprio pai, as recordações de infância, a inaceitação de tudo, tornaram impossível sua reintegração na família. Desde os 18 anos vive só, num apartamento comprado pelo pai, sustentado por ele. Na segunda parte, está com 50 anos e deduplicou a fortuna deixada pelo pai dedicando-se à exploração de jogos proibidos, como o vídeo-poquer e atividades afins, ligadas à máfia corsa. Era um dos seus sonhos tornar-se "um grande gangster à moda antiga". Conseguiu. Mas ambiciosa demais: quer eliminar todos os seus rivais. Mantém empresas de fachada, ocupa cargos honoríficos e age como benemérito, distribuindo favores e ajuda financeira a instituições populares. Mas é tudo para encobrir sua verdadeira atividade. É morto quando se prepara para consolidar seu império, eliminando um rival.

MICHEL

Pai de Laio. Diz-se (mas nunca se conseguiu provar) que enriqueceu fazendo contrabando de pedras preciosas. Hoje é um respeitável comerciante, dono de uma grande cadeia de lojas, exportador de joias (tipo H. Stern). Está já em seu terceiro casamento (sua primeira mulher, mãe de Laio, esquisofrênica, esteve várias vezes internada e converteu-se ao budismo. Vive na Índia). Embora sustente Laio com todas as mordomias, Michel não se conforma com a recusa do filho em trabalhar. Laio causou-lhe já mil problemas com suas extravagâncias, várias vezes teve que tirá-lo da cadeia e abafar processos pelo uso de tóxici

cos. Gostaria de passar-lhe a direção dos negócios, mas Laio repele com veemência essa possibilidade. Isso constitui para ele um grande desgosto e preocupação, já que ameaça a respeitabilidade que busca para seu nome, encobrindo um começo de vida sobre o qual pairam muitas suspeitas. Sente que o filho o culpa em relação à mãe. Como hobby, gosta de produzir espetáculos teatrais, promover artistas. Sua terceira mulher é uma atriz de pouco talento, que ele se esforça em promover e que o trai merecidamente. A segunda o abandonou (foi fazer um cruzeiro num navio da Linha C e levou dois anos dando a volta ao mundo). Ao retornar, tentou explicar-se, mas era difícil... principalmente a gravidez de cinco meses... Aparece só na primeira parte.

OS JUNQUEIRA

ÉDIPO

Desde cedo se revela um menino estranho, de sensibilidade além do normal, superdotado, de difícil adaptação entre os meninos de sua idade. Aos 25 anos, além dos seus dotes de sensitivo (que se recusa a explorar comercialmente), é um talentoso produtor independente de comerciais para a TV. Preocupa-o um sonho premonitório que tem frequentemente, onde se vê matando o pai. Como tem frequentes alterações com Américo, que julga ser seu pai legítimo, decide mudar-se para o Rio. Tinha 8 anos quando presenciou um escândalo que o marcou profundamente: Américo surpreendeu Mercedes com um amante e expulsou-a de casa. A atração que vem a sentir por Jocasta, uma mulher mais velha (sua verdadeira mãe) tem muito a ver com esse episódio. No fundo, ama os pais e não se julga capaz de qualquer violência contra eles. Mas como é dotado de poderes de clarividência e premonição, teme e procura fugir ao que pode ser o seu destino. Não sabe que irá, fatalmente, ao seu encontro. Um certo clima de magia o envolve, quase sempre, embora procure parecer uma pessoa normal, igual às outras.

AMÉRICO

Pai adotivo de Édipo, entre 55 e 60 anos, aparece apenas na segunda parte da novela, quando já é um vencido na vida, entre gue ao jogo e ao alcoolismo. Carater fraco, boêmio, desbaratou o pequeno pecúlio da mulher em empreendimentos fracassados, por sua incompetência e falta de sorte. Adora Édipo, a quem criou como filho legítimo e sonha explorar seus poderes para normais comercialmente, em excursão por todo o País. Édipo re cusa sempre e isso é um pomo de discordia entre os dois. Tam bém as brigas frequentes com Mercedes, colocando-se Édipo sempre ao lado dela. Tem pavor (como Mercedes) de que Édipo venha a descobrir que não é filho legítimo. Essa ameaça paira sempre en tre ele e a mulher, feita por um ou pelo outro, nos momentos de briga. E é isso que os mantém unidos, apesar de tudo.

MERCEDES

Entre 45 e 50 anos, conserva ainda traços de uma beleza destro çada pela decadência econômica e pelos desgostos de um casamen to fracassado. Não perdoa o marido por tudo isso e vinga-se traindo-o com seus próprios amigos. Como ele, adora Édipo, ven do-o como sua única esperança de voltar aos melhores dias. So frida, amarga, porta-se, às vezes, como uma mulher leviana e fácil - sua forma de extravasar a revolta.

OS RAMALHO**LETÍCIA**

22 anos, aparece apenas na segunda parte, namorada de Édipo, loucamente apaixonada por ele, a quem se entrega toda, sem re servas. Ama-o fascinada, deixando-se envolver por sua magia, como por um ser extra-terrestre. Quando Jocasta se interpõe entre eles, luta bravamente, sobrepondo-se ao próprio sofrimen to e jamais deixando de amá-lo e de lhe ser fiel.

OUTROS PERSONAGENS A SEREM DESENVOLVIDOS

HELENA, terceira mulher de Laio

MÃE DE LAIO

VIANINHA, o próprio (numa homenagem)

OS AMIGOS DE LAIO

AMIGOS E COMPANHEIROS DE JOCASTA

OS TRÊS IRMÃOS DE JOCASTA

LUCRÉCIA, a enfermeira

TONI CARRATO, rival de Laio

PAI DE LETÍCIA RAMALHO

MÃE DE LETÍCIA

BABALAÔ

Pai do Laio

Última mulher de Laio